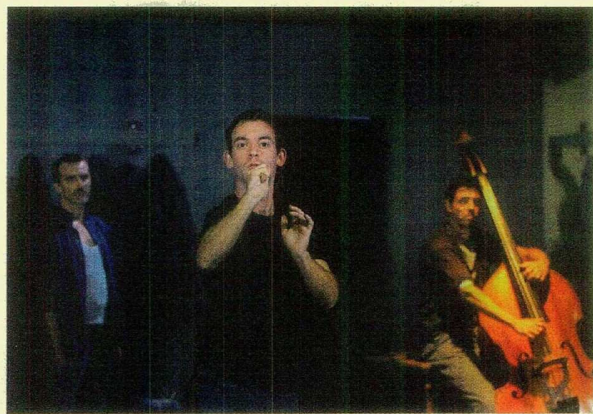


As cordas da História



JORGE GONÇALVES

Viagem de Inverno de Elfriede Jelinek, com encenação de Nuno Carinhas, no Teatro Municipal Joaquim Benite



RUI CARLOS MATEUS

A Máquina Hamlet de Heiner Müller, com encenação de Jorge Silva Melo, no Teatro da Politécnica

■ *Viagem de Inverno*, no Teatro Joaquim Benite, em Almada, e *A Máquina Hamlet*, pelos Artistas Unidos, no Teatro da Politécnica, são dois notáveis espetáculos, que refletem sobre a condição do indivíduo face à violência da História e à alienação do humano pela máquina e pela economia. Ambos os espetáculos pós-dramáticos, por diferirem da norma dramática da dialética, do debate e do conflito com vista à solução, apresentam as situações já depois do drama ter ocorrido, pelo que atores e espectadores testemunham e refletem os restos das "histórias". O corpo do ator dá voz à impotência perante os escombros, através da fala permanente, no espaço cénico, que também toma parte na interpretação da catástrofe.

Viagem de Inverno (2011), da dramaturga, romancista e poeta austríaca Elfriede Jelinek (1946), é uma "tragédia" contemporânea que apresenta o homem em perigo, esmagado pela técnica, pela economia, pelos media. O Prémio Nobel da Literatura foi atribuído à autora, em 2004, pelo "fluxo musical de vozes e contra-vozes nos seus romances e dramas que desvendam, com excepcional paixão de linguagem, o absurdo e o poder autoritário dos clichés sociais". Assistimos, assim, à exposição da linguagem que, a par do gesto, do movimento e da voz, sem hierarquia, compõe a pluralidade de discursos da autora, que assume os atores

como seus porta-vozes, sem espaço para personagens, fábulas, ou tempo psicológico da ilusão.

Com encenação de Nuno Carinhas, que também assina a cenografia e os figurinos, o espetáculo é construído com coerência estética e estilística, como paisagem, de todo o palco à vista, pontuado por mesas, portas, cadeiras, estantes de música, a sinalizar o caminho sinuoso do viandante do ciclo de canções de Schubert, *Winterreise* (1828), que corresponde ao deambular sem sentido do homem desde que nasce até à morte. Três grandes atrizes oferecem, com generosidade, invenção e talento, os discursos constituídos por associações de temas, alusões, citações, em variações e repetições de palavras, expondo os acontecimentos com obstinada lucidez, ironia e sarcasmo. Teresa Gafeira assume, exemplarmente, a camada coloquial e ferozmente irónica; Flávia Gusmão dá voz ao eu lírico e desesperado com emotiva intensidade poética, Ana Cris expressa com acuidade técnica a abstração fria e cortante da linguagem. Três denodadas caminhanças solitárias a carregarem o passado e a construírem, com Nuno Carinhas, uma nova identidade teatral.

A autonomização da linguagem, em *A Máquina Hamlet* (1977), do poeta e autor dramático alemão, Heiner Müller (1929-1995), também se constitui como fluxo musical de vozes dissonantes, executado pelo

magnífico ator João Pedro Mamede, numa formidável prestação de inteligência, saber e energia, desesperiada até ao delírio, que investe no movimento e na fala, como corpo ameaçado, a afirmar a sua ausência do jogo da personagem Hamlet, mas pronto a resgatar os mortos. O seu alter-ego, um contrabaixo, torturado pelo contrabaixista em palco, responde com sons discordantes e desarmónicos, a acentuar a simultaneidade de sonoridades e a desintegração das linguagens.

O encenador, Jorge Silva Melo, concebeu o espetáculo como cerimonial de palco, uma colagem de tempos e de quadros fragmentados e em permanente metamorfose, num espaço cénico autónomo (Rita Lopes Alves), constituído por objetos estáticos e arrumados (fraques dependurados, mantas dobradas) e outros destroços. A iluminação (Pedro Domingos), num quase escuro permanente, desempenha papel dramático importante, por constantemente transformar a visão da cena, pelo foco de luz com diferentes orientações, a desenhar corpos e objetos em silhueta, a sinalizar a transitoriedade da vida.

Os atores sempre presentes no palco a refletirem o ato de ver, seguem as associações das palavras com os sons e com os movimentos da luz, e intervêm com ações aparentemente improvisadas em resultado da sua presença. Belíssimas cenas de movimento e gesto, como a dança frenética de Horácio com Hamlet, num abismo em diagonal, ou as de Ofélia de Inês Pereira, de rara intensidade e teatralidade, como estátua num museu, como se o corpo fosse um acontecimento entre fantasmas, completando com Hamlet a ambivalência masculino/feminino.

Dois escritos para um teatro pós-dramático em dois virtuosos espetáculos. ■

> VIAGEM DE INVERNO

de Elfriede Jelinek, Tradução António Sousa Ribeiro, Encenação, Cenografia e Figurinos Nuno Carinhas, Desenho de Luz Nuno Meira, Som Andreia Mendric, Participação Sara Carinhas, Vídeo Cristina Antunes, com Ana Cris, Flávia Gusmão e Teresa Gafeira. Companhia de Teatro de Almada, Teatro Municipal Joaquim Benite, de quinta a sábado às 21h e domingo às 17h. Até 23 de fevereiro.

> A MÁQUINA HAMLET

de Heiner Müller, Tradução Maria Adélia Silva Melo e Jorge Silva Melo, Encenação Jorge Silva Melo, Assistência de Encenação Inês Pereira, Cenografia e Figurinos Rita Lopes Alves, Música original João Madeira, Luz Pedro Domingos, com Américo Silva, André Loubet, Hugo Tourita, Inês Pereira, João Estima, João Madeira, João Pedro Mamede e José Vargas. Artistas Unidos, Teatro da Politécnica, terça e quarta às 19h, quinta e sexta às 21h, sábado às 16h e às 21h. Até 22 de fevereiro